

à mulher; o rapaz agradeceu e assegurou que lhe daria muitos presentes. A velha disse: “Vá até o marido dela e compre uma roupa luxuosa”. Então ele foi até o mercador, comprou um turbante de linho com fios de ouro e o levou para a velha, que o pegou e, após queimá-lo em dois lugares, levou-o, vestida com a roupa dos ascetas piedosos, à casa do mercador, em cuja porta bateu. Ao vê-la naqueles trajés, a mulher do mercador abriu, recepcionando-a magnificamente e dando-lhe boas-vindas. A velha entrou, conversou com a mulher por algum tempo, e disse enfim: “Quero abluir-me para as preces!”. A mulher lhe trouxe água, a velha se abluir e foi rezar; ao concluir, largou o turbante no local onde rezara e partiu. O mercador chegou à sua casa após a partida da velha, já na hora da prece vespertina, indo rezar no mesmo local onde a velha rezara, e ali, aguçando o olhar, viu o turbante e o reconheceu. Como o caso lhe provocasse suspeitas, a cólera transpareceu em seu rosto e, irritado com a esposa, tratou-a com rispidez, ficando o resto do dia e da noite sem lhe dirigir a palavra – isso tudo sem a mulher compreender por que o marido se encolerizara. Então, ela olhou bem e viu, diante do marido, o turbante com marcas de queimadura.

*Disse o narrador:* assim, ela deduziu que o marido não se encolerizara senão por causa do turbante, isto é, passou a achar que o motivo eram tais queimaduras. Quando amanheceu, tão logo o mercador, ainda encolerizado, saiu, a velha retornou e, vendo a mulher com a cor alterada, a face empalidecida, e o coração e o ânimo abatidos, [perguntou-lhe: “Por que a vejo assim, a cor alterada e o coração abatido, minha filhinha?”, e então a jovem lhe falou a respeito da cólera do marido e de sua causa. A velha agourenta disse:]<sup>319</sup> “Não se entristeça, minha filha, pois tenho um filho cerzidor, e ele – por vida sua! – irá cerzir o turbante e deixá-lo como era”. Contento com aquelas palavras, a mulher perguntou: “E quando será isso?”. A velha respondeu: “Amanhã, se Deus altíssimo quiser, eu lhe trarei o meu filho na hora da saída de seu marido; ele cerzirá o turbante e se retirará imediatamente”, e, após fazer uns agrados à jovem, foi embora, dirigindo-se para a casa do rapaz, a quem informou de tudo. Depois, ela o levou, pela manhã, para diante da casa do mercador – o qual, quando vira o turbante, decidira separar-se da esposa, e só não o fizera de imediato para ter tempo de reunir o valor do dote e um pouco mais, por temor

319 O trecho entre colchetes foi traduzido das versões do manuscrito.

320 Na edição impressa, “a mim, a ele [ao marido] e ao meu filho”.

321 No “3612b”, “a mulher respondeu encolerizada [ou: forçada]”.

322 A palavra traduzida por “arranjei” constitui um bom exemplo de certa espécie de dificuldade de tradução em razão das metástases na transcrição do árabe: a edição impressa traz *handastu*, “delineei”, “projetei”; o manuscrito “3612a” traz *hadamtu*, “destruí”, e o “3612b”, *hamadtu*, “apaguei”, mas a palavra, com certeza, é *mahhadtu*, “aplainei [o caminho]”.

323 O trecho entre colchetes foi traduzido do “3612a”.

aos pais dela. Assim, quando ela bateu e a mulher lhe abriu a porta naquele dia, a velha agourenta, acompanhada do rapaz, entrou dizendo: “Vá, traga o turbante para cerzir e entregue-o ao meu filho”, e fechou a porta com ambos lá dentro. O rapaz agarrou a mulher, submeteu-a, nela se satisfez e foi embora. A velha disse à mulher: “Saiba que aquele é meu filho, que a amava imensamente, tanto que quase a vida lhe feneceu por sua causa, pelos anseios dele por você! Tramei então esta artimanha e provoqueei isso; o turbante não pertence ao seu marido, mas sim ao meu filho. Agora, que já atingi meu objetivo, deixe-me elaborar uma artimanha contra o seu marido para a reconciliação, e assim você deverá obediência a mim e ao meu filho”.<sup>320</sup> A mulher respondeu:<sup>321</sup> “Sim, faça-o”. A velha foi até o rapaz e lhe disse: “Saiba que eu já arranjei<sup>322</sup> o seu caso com ela. Vá até o mercador, comece a falar-lhe a respeito do turbante e, quando eu passar, levante-se e me segure para que eu providencie a reconciliação entre ele e a esposa”. O rapaz foi então para a loja do mercador, sentou-se lá dentro e lhe perguntou: “Sabe o turbante que comprei de você?”. O mercador respondeu: “Sei”. O rapaz perguntou: “Sabe o que lhe aconteceu?”. O mercador respondeu: “Não”. O rapaz disse: “Comprei-o de você, fui aplicar incenso e sucedeu que ele se queimou em dois lugares, nos quais ficaram dois furos. Então o peguei e entreguei a uma mulher cujo filho me disseram ser cerzidor; ela levou o turbante e partiu, e agora não sei onde encontrá-la”. Ao ouvir aquilo, o mercador ficou desconfiado, espantou-se com a história do turbante e tranqüilizou-se a respeito da esposa; não demorou e a velha mãe do cerzidor passou por ali, e o rapaz ergueu-se de supetão, segurou-a e exigiu o turbante. A velha lhe disse: “Saiba que entrei em certa casa, fiz abluções, rezei no tapete [da dona da casa, ali esqueci o turbante]<sup>323</sup> e saí; como eu não conhecia a casa onde rezei, não consegui localizá-la; eis-me aqui, agora, vagando todo dia até o anoitecer para, quem sabe, achar a casa, cujo dono não conheço!”. Quando ouviu as palavras da velha, o mercador disse a ela: “Pois então Deus já lhe devolveu o que você perdeu! Alvissaras, porque o turbante está comigo em minha casa”, e, pondo-se de pé imediatamente, entregou-lhe o turbante tal como estava...

[E a aurora alcançou Šahrazād, que deixou interrompida a sua fala permitida. Sua irmã Dunyāzād lhe disse: “Maninha, como é boa, saborosa, agradável e esplêndida a sua história!”,

e ela respondeu: “Isso não é nada perto do que lhes contarei na próxima noite, se acaso eu viver e o rei educado e bem guiado me preservar”.]

324 Na edição impressa falta a marcação da noite do mês, que foi traduzida do “3612b”.

[Disse Dunyāzād à sua irmã Šahrazād: “Por Deus, maninha, se não estiver dormindo, conte-nos uma de suas historinhas para que atravessemos a noite”. Ela respondeu: “Com muito gosto e honra”.

[E quando foi a]

918<sup>a</sup>  
noite

Eu tive notícia, ó rei venturoso, de que o vizir disse:

O secretário disse:]

... e a velha entregou-o ao rapaz. O mercador fez as pazes com a esposa, a quem deu roupas e jóias para contentá-la e agradá-la.

[*Proseguiu o vizir:*] Ao ouvir essa história de seu secretário, o rei se envergonhou, acabrunhou e lhe disse: “Continue servindo, conforme o seu hábito, e habite a sua terra, pois o leão esteve lá mas não a corrompeu, e a ela nunca mais retornará”. E lhe deu um valioso presente. Satisfeito, o homem regressou para a mulher, com a qual passou a viver sossegado, e recebeu, contente, os seus familiares.

[*Proseguiu o vizir:*] “E essa história, ó rei, não é mais espantosa nem mais insólita que a da bela e graciosa mulher mimada e o homem de horrenda aparência”. Após ter ouvido a história anterior, o rei a considerou curiosa e bela, determinando ao vizir que se retirasse para casa, onde ele permaneceu o dia inteiro. Quando se findou a tarde, o rei mandou chamá-lo e lhe ordenou que a contasse. O vizir disse: “Sim”.

### *Vigésima quinta noite do mês*<sup>324</sup>

#### A BELA MULHER E O HOMEM FEIO

Saiba, ó rei, que certo homem árabe tinha vários filhos, entre os quais um menino de aparência tão bela e formosa como nunca se vira, e tampouco inteligência tão perfeita. Quando ele atingiu a força de homem, o pai casou-o com uma prima cuja beleza não era nenhum esplendor, nem louváveis as suas características; por isso, não agradou ao rapaz, o qual, porém, se resignou a aceitá-la em virtude dos laços de parentesco. Certo dia, ele saiu no encalço de um seu camelo que se extraviara, e ficou nisso durante o dia inteiro e a noite. Quando escureceu, foi hospedar-se na casa de um árabe daquela vila, sendo recebido por um homem de baixa estatura e feia aparência, que

325 Nas versões do manuscrito, “o encantaram”.

326 Na edição impressa, “ocupe-se de seu trabalho”, ou seja, “do que é de sua conta”, o que parece falha de cópia. Traduziu-se das versões do manuscrito.

327 Por um óbvio erro de revisão, a edição impressa traz: “onde ficamos três dias”.

o cumprimentou e acomodou ao lado da tenda, sentando-se e travando com ele a melhor das conversas. Quando a refeição ficou pronta, a mulher veio servi-la. O rapaz olhou para a dona da casa, e viu uma aparência que mais formosa não havia! Tamanha beleza e formosura o deixaram tonto,<sup>325</sup> bem como seu talhe e estatura! Permaneceu assim embasbacado a olhar ora para ela, ora para o marido, e, como isso se prolongasse, o homem lhe perguntou: “Ó filho de gente generosa, ocupe-se de seu jantar,<sup>326</sup> pois esta mulher e eu temos uma história espantosa, mais formosa que a formosura que você vê nela. Eu lhe contarei essa história assim que terminarmos de comer”. Quando enfim concluíram a refeição, o rapaz lhe pediu a história e o homem lhe disse:

Saiba que em minha juventude eu já era assim feio, de horrível aparência, e tinha irmãos que eram gente da maior formosura, motivo pelo qual meu pai os preferia a mim, os tratava melhor que a mim, e me atribuía serviços inferiores aos deles, tal como atribuía aos escravos. Certo dia, uma camela do rebanho de meu pai se extraviou, e ele me disse: “Vá procurá-la, e não volte senão com ela!”. Retruquei: “Mande algum outro dos seus filhos”, mas ele não o fez e me tratou com rispidez, insistindo até chegar ao ponto de pegar um chicote e me surrar com ele; corri então para um dos seus animais de viagem, montei nele e saí em disparada, fazendo tenção de viver nos desertos e não mais retornar para o meu pai. Avancei por aquela noite e anoiteci junto à família desta que agora é minha esposa, cujo pai me hospedou; era um velho entrado em anos, e, passada metade da noite, levantei-me para satisfazer as minhas necessidades, sendo então seguido por cachorros, sem que ninguém soubesse nada a meu respeito, com exceção desta mulher; os cachorros me estranharam e me perseguiram até que caí de costas em um buraco cheio de água, profundo, e um dos cachorros caiu comigo. Naquele tempo, esta mulher era uma jovem solteira, muito forte e ativa, e, condoída de minha situação, foi até mim com uma corda e me disse: “Agarre-a!”. Agarrei a corda e nela me prendi, mas, quando se aproximou e eu puxei a corda, ela caiu junto comigo no buraco, e ali passamos a ser três:<sup>327</sup> ela, eu, e o cachorro. Quando amanheceu e não a viram, seus pais começaram a procurá-la pela vila, mas não a encontraram. Dando também por minha falta, presumiram que havíamos fugido juntos. Ela tinha quatro

irmãos semelhantes a águias, que montaram em seus cavalos e se espalharam à nossa procura. Passada a manhã, o cachorro começou a latir, e os outros cachorros a responder-lhe e a se aproximar, parando na beira do buraco e ganindo para ele. Ao ouvir o latido dos cachorros, o velho xeique caminhou em sua direção, até parar na beira do buraco...

[E a aurora alcançou Šahrazād, que deixou interrompida a sua fala permitida. Sua irmã Dunyāzād lhe disse: “Maninha, como é boa, saborosa, agradável e esplêndida a sua história!”, e ela respondeu: “Isso não é nada perto do que lhes contarei na próxima noite, se acaso eu viver e o rei educado e bem guiado me preservar”.]

[Disse Dunyāzād à sua irmã Šahrazād: “Por Deus, maninha, se não estiver dormindo, conte-nos uma de suas historinhas para que atravessemos a noite”. Ela respondeu: “Com muito gosto e honra”.

Eu tive notícia, ó rei venturoso, de que o vizir disse:]

... e ao chegar ali viu algo espantoso. Era um homem corajoso, ajuizado, um xeique experimentado com as coisas; trouxe cordas e nos retirou todos dali; perguntou-nos sobre nosso estado, e ela lhe contou a história de cabo a rabo. O velho chorou<sup>328</sup> e se pôs a refletir; quando os irmãos retornaram, relatou-lhes o caso de cabo a rabo e disse: “Saibam, meus filhos, que a sua irmã não pretendeu senão fazer o bem. Se acaso vocês matarem este homem, [que é seu hóspede],<sup>329</sup> estarão granjeando para si a infâmia eterna, cometendo uma injustiça com ele, consigo mesmos e com sua irmã. Não existe motivo claro que imponha a sua morte. Trata-se de uma coincidência, e não se pode negar a ocorrência de outras iguais a ela”; em seguida, voltou-se para mim e me indagou a respeito de minha origem, e eu lhe tracei minha árvore genealógica. Ele disse: “Um nobre par, e ajuizado!”, e me ofereceu casamento com a filha, ao que respondi positivamente; o velho então a casou comigo e fui morar com ele; Deus altíssimo abriu diante de mim as portas do bem e da fortuna, tanto que me tornei o homem mais rico da vila; louvado seja Deus pelas benesses que me concedeu!

[*Prosseguiu o vizir:*] Impressionado com a sua história, o rapaz dormiu ali e, pela manhã, encontrou o seu camelo extra-  
viado, capturou-o e retornou [aos seus pais],<sup>330</sup> informando-os  
o que vira e o que lhe sucedera.

328 “Chorou” se traduziu do “3612a”, e não consta das outras versões.

329 O trecho entre colchetes foi traduzido das versões do manuscrito.

330 O trecho entre colchetes foi traduzido das versões do manuscrito.

[E quando foi a]

919<sup>a</sup>  
noite